

CASO VULGAR

João comia. João dormia.
 Tinha pouco o que fazer.
 Passeava, andava e ria,
 Mas João queria morrer.
 Dizia que o mundo é falso,
 Despenhadeiro traidor,
 Senzala de crueldade,
 Toda cravada de dor.
 Por mais que o guia buscasse
 Despertá-lo para o bem,
 Tudo inútil. João clamava
 Xingando como ninguém.
 O mentor rogava calma
 No serviço meritório,
 João respondia que o mundo
 É um horrendo purgatório...

Afirmava ouvir apenas
 Pragas, lamentos e ais.
 E rematava: — “meu guia,
 Agora não posso mais...
 Quero a sua companhia,
 Preciso mudar de sorte,
 Colaborar, ao seu lado,
 Na vida depois da morte...”
 E tanto pediu repouso
 Na chorança sem limite
 Que o pobre desencarnou,
 A toque de meningite.
 Sob os cuidados do guia,
 João acordou, foi tratado...
 O mentor, ao vê-lo forte,
 Anunciou-lhe, afobado:
 — “João amigo, eis o momento!...
 Você queria morrer,
 Agora venha comigo,
 Servir é o nosso dever.”

O moço que detestava
 Disciplina, horário e prova,
 Começou desapontado
 A imprevista vida nova.
 Seguindo os passos do guia,
 Entre surpresas crescentes,
 Passava, dias e dias,
 Doando força a doentes;
 Amparava hansenianos,
 Balsamizava feridas,
 Corria sempre em socorro
 De crianças desvalidas.
 Gastava nos hospitais,
 Às vezes, noites inteiras,
 Garantindo a vigilância
 De enfermeiros e enfermeiras.
 O protetor sem repouso
 Parecia não ter paz,
 Onde surgisse em auxílio,
 João devia vir atrás.

Certo dia, João, cansado,
 Disse ao guia: - “não agüento,
 Não mais agüento a pedreira
 De prisão e sofrimento...”
 Pede o guia: — “Fala, filho!...”
 E chorando gritou João:
 — “Eu quero viver na Terra,
 Prefiro a reencarnação...”